

DA DEFESA À VALORIZAÇÃO: A EVOLUÇÃO E A RECONVERSÃO DOS ESPAÇOS CIRCUNDANTES AO RECINTO AMURALHADO DE ÉVORA (PORTUGAL)

FROM DEFENSE TO VALORIZATION: THE EVOLUTION AND RECONVERSION OF THE SPACES SURROUNDING THE WALLED ENVIRONMENT OF ÉVORA (PORTUGAL)

Maria do Céu Simões Tereno¹

¹ Departamento de Arquitetura, Universidade de Évora
mcst@uevora.pt, <https://orcid.org/0000-0002-7997-6609>

Marízia Clara Menezes Dias Pereira²

² Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, Universidade de Évora,
Portugal, mariziacmdp3@gmail.com,
<https://orcid.org/0000-0003.2551-3825>

Maria Filomena Mourato Monteiro³

³ Arquiteta
monteiro.m.filomena@gmail.com

RESUMO

A cidade de Évora, Património Mundial da UNESCO (1986), tem um centro histórico cercado por um recinto amuralhado que dispõe de espaços verdes públicos na sua envolvente. As intervenções nestes espaços, promovem a integração urbanística e a valorização do património arquitetónico, paisagístico e histórico-cultural. A revitalização da muralha contribuirá para uma maior conectividade entre diferentes áreas da cidade, reduzindo barreiras físicas e promovendo uma circulação mais fluida. A ampliação dos espaços e a requalificação da envolvente oferecerão mais opções de lazer, incentivando a convivência comunitária. Foram, também, criados percursos pedonais, entre eles, o Percorso da Água da Prata, que permitem um maior usufruto dos elementos patrimoniais da paisagem envolvente à cidade.

Palavras-chave: Património, Espaços verdes, Valorização, Conservação, Paisagem.

ABSTRACT

The city of Évora, a UNESCO World Heritage Site (1986), has a historic city centre surrounded by a walled enclosure with public green spaces in its surroundings. Interventions in these spaces promote urban integration and the valorisation of the architectural, landscape and historical-cultural heritage. The revitalisation of the wall will contribute to greater connectivity between different areas of the city, reducing physical barriers and promoting more fluid circulation. The expansion of the spaces and the requalification of the surrounding area will offer more leisure options, encouraging community interaction. Pedestrian routes have also been created, including the Água da Prata Trail, which will allow greater enjoyment of the heritage elements and the landscape surrounding the city.

Keywords: Heritage, Green spaces, Valorisation, Conservation, Landscape.

INTRODUÇÃO

As intervenções realizadas nos espaços verdes públicos da cidade de Évora têm como principal objetivo reduzir a descontinuidade urbanística existente entre as áreas intramuros e extramuros, promovendo uma integração mais consonante entre os dois espaços. Com isso, pretende-se valorizar a muralha, um património histórico relevante da cidade, tornando-a mais acessível e visível aos utentes, permitindo usufruir melhor desse espaço.

Essas ações envolveram o desenvolvimento de arranjos paisagísticos cuidadosos na área envolvente da muralha (no seu exterior), com a criação de percursos pedonais que facilitam a circulação e articulação de forma mais eficaz com diferentes pontos da cidade. Além disso, foi realizada a abertura de uma nova porta, proporcionando uma maior fluidez nos percursos pedonais e facilitando a circulação nos espaços públicos, promovendo, assim, um melhor aproveitamento do património e a valorização de toda a área circundante.

Com essas intervenções, espera-se não apenas a revitalização da muralha e a melhoria da conectividade urbana, mas também a melhoria na qualidade de vida dos eborenses, com mais opções de lazer e de acesso a áreas verdes e históricas, favorecendo a convivência social e o turismo sustentável.

Além dos referidos espaços envolventes à muralha, foram criados pelo município da cidade cinco itinerários ambientais: percursos de Monfurado, Alto de S. Bento, Água da Prata, Ecopista Ramal Évora / Mora e Caminhos do Degebe, da periferia da cidade até aos limites do concelho. Destes selecionou-se o percurso da Água da Prata, por se considerar que integra aspetos bastante significativos e abrangentes, quer de património construído, quer paisagístico e cultural.

CIDADE DE ÉVORA

A cidade de Évora situa-se (38° 34' N e 7° 54' W) no Alentejo, aproximadamente a 150 Km de Lisboa, numa região onde o clima é predominantemente mais seco e quente, com relevo aplanado, sendo a nível administrativo, capital de distrito e sede de município (Fig. 1).

A região na qual se insere Évora, possui frequentes marcas das populações que em épocas longínquas a povoaram. Contudo é a partir da ocupação romana que esses sinais são mais significativos, não obstante o núcleo populacional existente à data ter sido sucessivamente reconfigurado, sob a influência da cultura urbana à época vigente.

Embora condicionada pela topografia, a cidade, durante a ocupação romana, assumiria as orientações de Vitruvius¹ (Maciel, 2006) inerentes a qualquer cidade do império.

¹ Marcus Vitruvius Pollio arquiteto romano que viveu no século I a.C. autor da obra *De Architectura*, (Os dez livros de arquitetura).

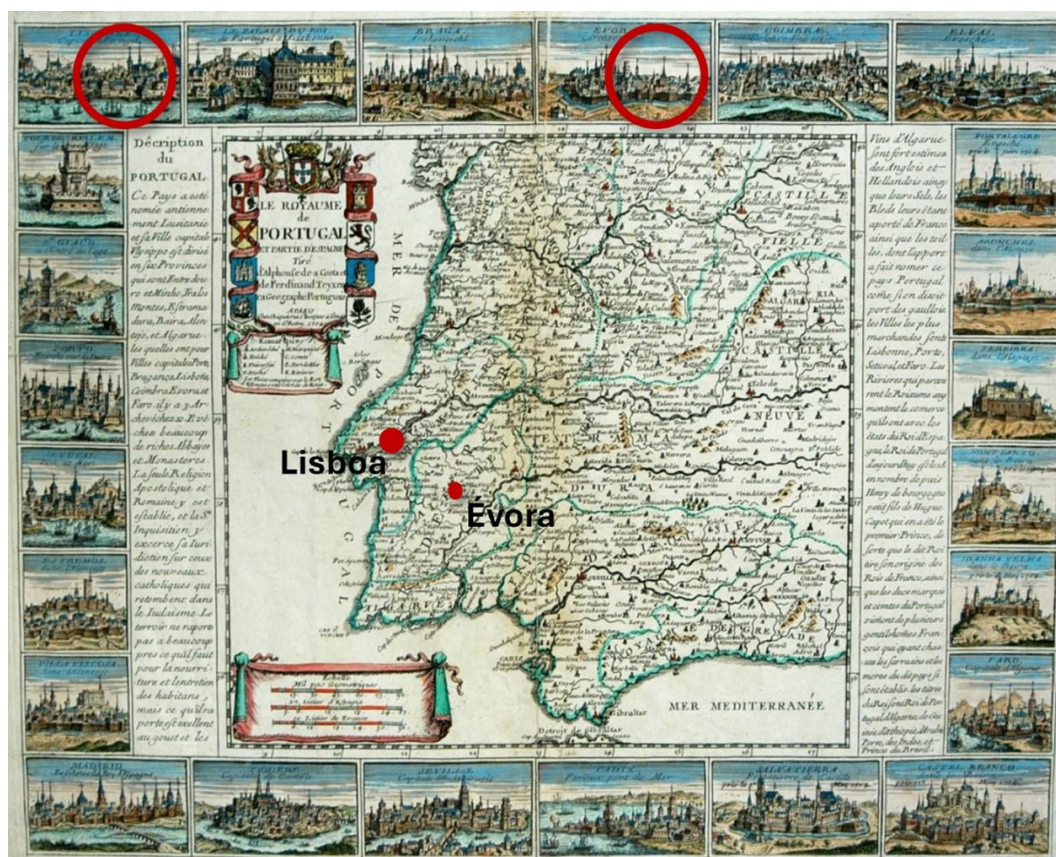


Fig. 1. Planta “Le royaume de Portugal et partie D’Espagne tire d’Alphonso de a Costa et de Ferdyaera Geographe poeruguais”. Cliquet, Paris, 1704. Na cartela superior estão representadas as cidades de Lisboa e Évora. Fonte: Coleção Nabais Conde.

Elevada à categoria de *municipium* com a designação de *Ebora Liberalitas Julia*, em homenagem a Júlio César, os equipamentos públicos (Fig. 2), o edificado, a regularidade no traçado e a dimensão das ruas, algumas delas ladeadas por colunatas (Fig. 3), foram essenciais, para definir a nova imagem urbana.



Figs. 2 e 3. Ruína do templo romano em Évora e troço de coluna, situada numa via do período romano, anteriormente ladeada por colunata e com traçado retilíneo encontrada em escavação na rua Vasco da Gama, Évora. Fonte: acervo das autoras.

As ocupações posteriores, nomeadamente dos povos godo e muçulmano (715 d.C.), marcaram a cidade de maneira profunda, sendo que os grandes equipamentos do período romano foram demolidos para a reutilização do material pétreo durante o período godo (Fig. 4).

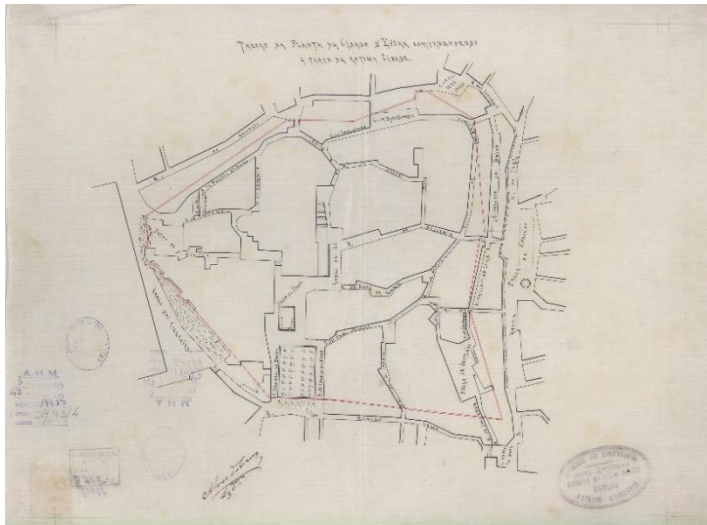
Durante a ocupação muçulmana, a linearidade de arruamentos e tipologias das anteriores construções foram sendo adaptadas à cultura dos novos habitantes, com os arruamentos estreitos e sinuosos e as habitações orientadas para o interior dos pátios, apenas com os acessos ligando aos arruamentos e becos. É no interior da muralha primitiva que estas características são mais evidentes e atualmente são facilmente identificáveis (Figs. 5 e 6).

Com a reconquista cristã da cidade (1165), a área urbana manteve-se circunscrita à primitiva muralha romano-goda então existente. Este espaço foi progressivamente ampliado para o exterior amuralhado, essencialmente ao longo dos caminhos que saíam das principais portas da muralha, sendo exemplos as primitivas portas de Alconchel e a de Moura.

Para além destas construções ladeando os percursos mais utilizados, a constituição de bairros periféricos foi importante, pois facilitou o posterior preenchimento dos espaços, sendo exemplos os da mouraria e da judiaria entre outros (Beirante, 1995). Contribuíram a localização de vários conventos e mosteiros que constituíram focos dinamizadores de uma economia urbana da época (Monteiro, 2011).



Fig. 4. Memórias do povo godo e religiões muçulmana, judaica e cristã em Évora. Fonte: acervo das autoras.



Figs. 5 e 6. Trecho da planta da cidade de Évora indicando a muralha romana de Évora no séc. XIX. Fonte: Arquivo Histórico Militar. Escavações realizadas no Museu de Évora, finais séc. XX, onde foram identificados vestígios de diversas épocas. Fonte: acervo das autoras.

No final da Idade Média, o tecido urbano de Évora já estava consolidado, embora ainda houvesse algumas áreas por edificar. A construção foi-se intensificando ao longo dos principais eixos urbanos e praças, adaptando-se ao crescimento da cidade. A segunda cintura amuralhada, construída no final do século XV, definiu os limites dessa nova expansão urbana.

A necessidade de garantir a defesa da cidade, conjugada com a exigência de manter amplos espaços livres ao longo do interior das muralhas e de criar largos e terreiros na proximidade das portas da cidade, condicionava o crescimento da malha urbana. Esses fatores restringiram as possibilidades de construção, forçando uma densificação progressiva nas restantes áreas da cidade. Como resultado, a expansão foi condicionada pela combinação de exigências militares, urbanísticas e logísticas, que determinaram a forma e o ritmo do seu desenvolvimento.

A cidade medieval eborense foi profundamente influenciada pela presença prolongada da corte portuguesa, que deixou marcas significativas na sua estrutura e desenvolvimento urbano. Este período impulsionou a transformação da cidade, tanto no aspeto físico quanto no simbólico, consolidando-a como um importante centro político, cultural e social.

Uma característica notável do crescimento medieval, foi a expansão a partir do núcleo original, delimitado pela antiga muralha romano-goda. Este espaço primitivo funcionou como o coração da cidade, a partir do qual a malha urbana foi irradiando de forma orgânica. Esta expansão direccionou-se para áreas abertas junto às portas da fortificação (Fig. 7), espaços que desempenhavam funções estratégicas e comerciais, facilitando o trânsito de pessoas e mercadorias. Com o tempo, esses locais adquiriram nova relevância,

transformando-se em praças públicas que se tornaram pontos centrais de convívio, comércio e administração (Fig. 8).

A evolução urbana reflete a diversidade de tipologias na Évora medieval, onde coexistiam bairros residenciais, zonas comerciais e centros político e religioso. A combinação entre os elementos herdados do período romano-godo e as dinâmicas próprias da época medieval resultou numa paisagem urbana marcada pelo equilíbrio entre funcionalidade e simbolismo.



Figs. 7 e 8. Vista da área oeste da cidade de Évora, numa iluminura da contracapa do foral manuelino da cidade de Évora de 1501. Fonte: Arquivo Distrital de Évora. Vista aérea da praça de Giraldo, Évora, 1997. Fonte: Câmara Municipal de Évora.

O desenvolvimento da cidade, como já se referiu, ocorreu a partir dos eixos que ligavam as principais portas dos circuitos amuralhados, quer o mais antigo que remonta ao período romano-godo, quer o mais recente, o Sistema *Vauban*², no século XVII (Lima, 204), (Fig. 9). O tecido urbano foi-se densificando ao longo dos séculos constatando-se, atualmente, a existência de espaços urbanos livres, no casco histórico da cidade (Carvalho, 2004), (Figs. 10 e 11).

² Designação dada às fortificações projetadas pelo arquiteto francês *Sébastien Le Prestre de Vauban*.

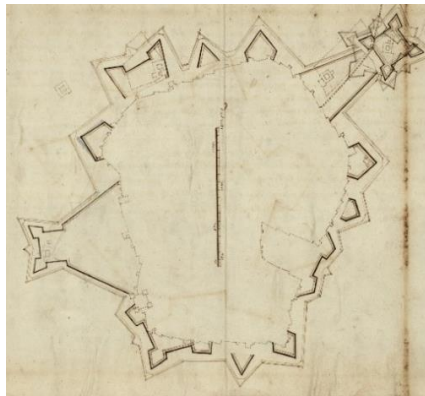


Fig. 9. *Representação do recinto amuralhado em proposta* in *Desenhos e plantas de todas as praças do Reyno de Portugal...* de Nicolau de Langres (Ca 1661). Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal.



Figs. 10 e 11. Representações da cidade de Évora, planta e vista geral, no *El atlas Medici* de Lorenzo Possi de 1687. Fonte: Biblioteca Florenciana.

Com o regresso da corte a Lisboa, no final do séc. XVI, a cidade de Évora entrou em declínio até meados do séc. XX, não havendo evolução urbanística e económica assinalável. Numa cidade em que o tecido urbano se encontrava preenchido com as propriedades particulares, os espaços anteriormente ocupados pelas casas religiosas, entretanto desativadas, proporcionaram áreas fundamentais para a reedificação urbanística e implantação de equipamentos públicos. A edificação de algumas construções, ainda hoje consideradas de referência, é desta época e foram por vezes, viabilizadas pela iniciativa de particulares em espaços livres de antigos conventos, por exemplo o teatro Garcia de Resende.

A construção do caminho-de-ferro, assim como a localização selecionada para o apeadeiro, viabilizou o desenvolvimento urbano garantindo a ligação entre a estação e o espaço amuralhado (Carvalho, 2007), (Fig. 12).

Com a chegada do Estado Novo, em 1945, o arquiteto Étienne de Groër sugeriu intervenções de realce no tecido urbano através do antepiano de urbanização, propondo a constituição de novos largos, abertura de diferentes arruamentos e realinhamento de outros, com a eliminação de edificações situadas nos traçados propostos.

Atualmente, do sistema de fortificações existente partem radialmente as estradas para Lisboa, Estremoz e Beja. Estas ligações urbanas resultaram dos antigos caminhos que evoluíram para vias

de circulação preferenciais. Com o aparecimento do automóvel e a frequente utilização, entre finais do século XIX e início do XX, foi necessário adequar o alargamento das entradas na cidade, ao novo trânsito e demolições de muitas portas medievais, primeiro na muralha romano-goda e posteriormente na fernandina.

A nova cidade preocupou-se com as melhorias urbanísticas que iriam dar satisfação a uma burguesia que aspirava a uma qualidade ambiental que extravasava os limites e parâmetros da “cidade histórica”, iniciando-se um novo ciclo que correspondeu a uma fase económica baseada na indústria, com novas vias de comunicação e a continuação do desenvolvimento educativo e cultural. Assistiu-se à adaptação da cidade com a implementação de equipamentos, infraestruturas, passeios públicos, novos espaços públicos e a organização e regulamentação das zonas edificadas.



Fig. 12. Vista geral do antigo rossio de S. Bráz, nos finais séc. XIX. Fonte: www.postaisportugal.canalblog.com.

Os antigos eixos estruturantes da cidade continuam, atualmente, a assumir um papel dominante, reforçado pela obrigatoriedade dos sentidos únicos de trânsito no interior da cidade amuralhada.

A preocupação com os espaços verdes na cidade de Évora, surge com o antepiano realizado em meados do século XX por Étienne de Groër que recomendava a criação de um anel verde envolvente ao recinto amuralhado medieval e a alguns baluartes (Fig. 13).

Estes eram circundados exteriormente por uma circular que garantia uma rápida circulação de veículos, para reduzir a carga no centro histórico (Fig. 14). No exterior das principais portas da muralha era proposta a constituição de parques de estacionamento que serviam simultaneamente uma nova zona urbana com características de “cidade jardim” envolvente ao núcleo antigo da urbe criando um “pulmão” (Brito, V., Camarinhas, C. T. 2007) para uma melhor qualidade ambiental³.

³ De referir que para a cidade de Lisboa:” De Gröer defende a contenção do desenvolvimento urbano através da definição de uma cintura verde, denominada zona rural de proteção, com uma largura média de 3 km. O objetivo principal desta cintura verde seria constituir para a cidade uma reserva permanente de ar puro e, em 2º lugar, isolá-la das formações urbanas circunvizinhas e impedir a fusão com estas.” Brito, Vasco; Camarinhas, Catarina Teles Ferreira, “Elementos para o estudo do plano de urbanização da cidade de Lisboa (1938), Cadernos do Arquivo Municipal, Direção

No seguimento deste antepiano, os projetos de urbanização elaborados subsequentemente, contemplaram algumas destas propostas, nomeadamente no que respeita às zonas verdes circundantes e à definição da circular às muralhas⁴, (Fig. 15).



Fig. 13. Extrato de *Planta de apresentação, Ante plano de urbanização de Évora*, Étienne de Groer, anos 40, séc. XX. Fonte: Câmara Municipal de Évora.

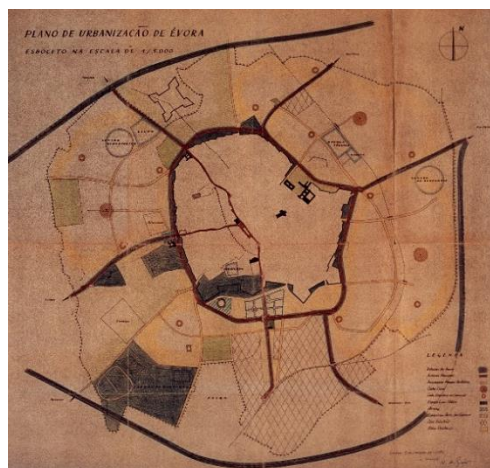


Fig. 14. Extrato de *Planta com os eixos viários, Ante plano de urbanização de Évora*, Étienne de Groer, anos 40/séc. XX. Fonte: Câmara Municipal de Évora.

Municipal de Cultura/ Departamento de Bibliotecas e Arquivos/ Arquivo Municipal de Lisboa, nº 9, 2007, pp. 182-183; ver também Simplício, Maria Domingas V. M., *Evolução da Estrutura Urbana de Évora: o século XX e a transição para o século XXI*, onde na p. 4 refere: "O crescimento da área urbana extramuros foi, no entanto, muito lento até 1940. Um mapa datado de 1930 assinala apenas, para além da presença dos bairros já referidos, todos eles de dimensão muito reduzida e localizados próximo da cidade intramuros, pequenas partes dos bairros do Chafariz d'El Rei e de Almeirim e o princípio do Poço Entre as Vinhas (atual Bairro da S^a da Saúde)".

⁴ Publicação: 02/6/2011, 2.^a série do Diário da República n.º 107, Aviso 12113/2011.

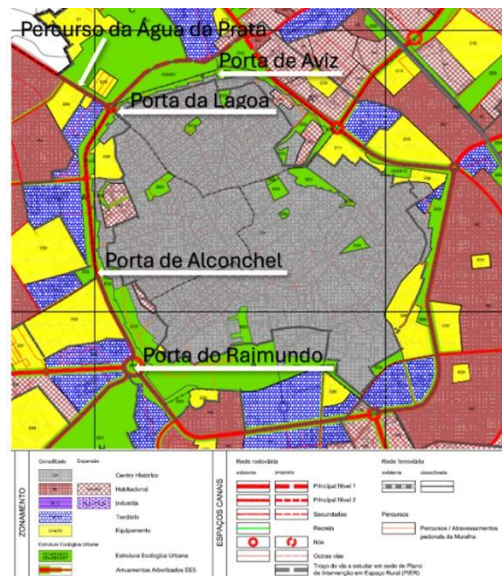


Fig. 15. Sobre *Planta de zonamento proposto*, foram assinaladas as portas que limitam as áreas intervencionadas e o início do percurso da Água da Prata, Plano de Urbanização. Fonte: Câmara Municipal de Évora.

A sequência dos planos de urbanização elaborados, e alguns deles executados, resulta na atual imagem da cidade (Fig. 16).



Fig. 16. Vista de Évora a partir de S. Bento em 2024. Fonte: acervo das autoras.

PROJETO DE ARRANJO PAISAGÍSTICO DA PORTA DO RAIMUNDO

A primeira designação conhecida para este acesso à cidade situado na muralha fernandina, cuja conclusão data de finais século XV, foi a de buraco do Raimundo. Era uma entrada secundária utilizada maioritariamente pela população que residia nas proximidades da rua do Raimundo. Só posteriormente, se tornou importante na estrutura viária ligando o centro, a praça Grande, atual praça de Giraldo, ao exterior amuralhado. Nos finais do século XIX, com o aparecimento dos veículos motorizados, esta porta foi demolida de modo a adequar a largura para a circulação de peões e automóveis. À data, confluíam três vias, uma em direção a Beja, outra às Alcaçovas e outra envolvente à muralha fernandina. O espaço livre situado entre a via circundante à muralha e esta, era em terra-batida sendo utilizado para o estacionamento de camionetas de transporte de fardos de palha para a pecuária e de automóveis de quem ia trabalhar, maioritariamente, em edifícios públicos situados no centro histórico. Refira-se que a circular às muralhas foi entretanto melhorada, acrescentada e inseridos nós viários. Em finais do século XX, esta encruzilhada de

vários caminhos exteriores à muralha que confluíam na referida porta era muito movimentada, tendo sido substituída por uma rotunda.

Esta foi, posteriormente, alvo de arranjo paisagístico constituído por elementos aquíferos e ajardinamento (Fig. 17). Mais a norte da referida rotunda, foi instalado um conjunto escultórico, em mármore de Estremoz, da autoria do mestre Cutileiro e representando a porta demolida em inícios do século XX (Fig. 18). A construção da Av. Túlio Espanca, assim como o corte da estrada para Beja e a construção da variante vieram alterar o traçado viário do principal acesso a Évora.

A flora ornamental nas áreas propostas para ajardinamento, conferiram uma nova perspetiva à muralha fernandina, que se acentuou com o passar dos anos (Figs. 19 e 20).



Fig. 17. Estudo de arranjo dos espaços exteriores para a área envolvente à porta de Alconchel. Fonte: Câmara Municipal de Évora.



Fig. 18. Escultura de mestre João Cutileiro (1937-2021) designada por *Arco do triunfo*, 2024, [Fonte: acervo das autoras].



Figs. 19 e 20. Aspectos de alguns dos espaços ajardinados em datas distintas entre as portas do Raimundo e Alconchel. Fonte: acervo das autoras.

PROJETO DE ARRANJO PAISAGÍSTICO DA PORTA DE ALCONCHEL

Tratando-se de uma das principais portas de acesso à cidade, a porta de Alconchel, era ladeada por duas torres defensivas, uma delas funcionou como prisão, e encimada por uma capela (Tereno, 2015). A representação desta vista da cidade surge no foral quinhentista. A sua importância devia-se ao facto de nela confluir o principal caminho para Lisboa. Com a necessidade da circulação automóvel, foi demolida no troço compreendido entre as duas torres defensivas. O espaço circundante viário também sofreu diversas remodelações (Fig. 21) mantendo a configuração no século XX. Na transição para o século XXI, durante as obras em torno da muralha fernandina, foram realizadas escavações arqueológicas que identificaram um troço do antigo fosso circundante à mesma (Fig. 22).

O projeto elaborado para este troço contempla o ajardinamento do espaço, (Fig. 23) sendo que nas áreas em que o estudo foi implementado, a vegetação desenvolveu-se naturalmente ao longo do tempo, configurando uma nova leitura para a muralha fernandina (Figs. 24 e 25).



Figs. 21 e 22. Espaço envolvente à porta de Alconchel no início do século XX. Fonte: Câmara Municipal de Évora. Escavação arqueológica que permitiu identificar o fosso circundante à muralha. Fonte: acervo das autoras.



Fig. 23. Proposta de arranjo paisagístico para o troço entre as portas de Alconchel e a Nova. Fonte: Câmara Municipal de Évora.



Figs. 24 e 25. Aspetos das áreas ajardinadas entre as portas do Raimundo e a de Alconchel. Fonte: acervo das autoras.

PROJETO DE ARRANJO PAISAGÍSTICO DA PORTA NOVA

Na muralha fernandina, em finais do século XX, foi aberta uma porta para acesso pedonal criando mais uma entrada para o interior amuralhado que à data estava a ser alvo de renovação urbanística. Esta porta foi da autoria do arquiteto Miguel Lima (Câmara Municipal de Évora) e visava fazer

uma ligação mais direta, através do eixo da estrada das piscinas municipais, as áreas urbanas envolventes e os equipamentos públicos, nomeadamente a Malagueira, a Comissão de Cordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo (CCDRA) e os bairros António Sérgio e Vista Alegre (Figs. 26 e 27). No espaço compreendido entre as portas Nova e da Lagoa, o projeto de arranjo dos espaços exteriores incluía mobiliário urbano idêntico às restantes áreas intervencionadas, além de ajardinamento e pavimentações adequadas (Fig. 28).



104

Figs. 26 e 27. Porta nova aberta na muralha no final do século XX, e um aspeto da área ajardinada entre as portas de Alconchel e da Lagoa. Fonte: acervo das autoras.



Fig. 28. Projeto de arranjo de espaços exteriores no troço da porta Nova. Fonte: Câmara Municipal de Évora.

PROJETO DE ARRANJO PAISAGÍSTICO ENTRE AS PORTAS DA LAGOA (NOVA) E DE AVIZ

A antiga porta da Lagoa, datando da construção da muralha fernandina ainda existe, situando-se na perpendicular à muralha (Figs. 29 e 30). Anexa a esta porta localiza-se o mosteiro de Santa Helena do Monte Calvário fundado em 1565 pela infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel. A muralha foi aberta num troço equivalente à largura da via, para o acesso de veículos. Exteriormente, o espaço viário foi no final do século XX, projetada com uma rotunda onde estão inseridas a circular às muralhas e a estrada para a Graça do Divor.

Quanto à porta de Aviz, é a única porta da muralha que preserva as dimensões e a configuração originais, apesar de ter sido alvo de várias alterações ao longo do tempo (Fig. 31) e está coroada por uma pequena capela dedicada a Nossa Senhora do Ó. Desta porta, partiam as estradas em direção aos bairros do Bacelo e dos Canaviais, a Estremoz e à circular das muralhas. No final do

século XX, foi construída uma rotunda, da qual se originaram novos traçados viários. De destacar que a circular foi deslocada para sudoeste, entre as portas da Lagoa e de Aviz. Quanto aos espaços exteriores projetados para este local, nomeadamente ajardinamento, arborização, percursos pedonais, zonas de estar e equipamentos diversos, estão por implementar. Inviabilizam a realização do restante projeto, a existência de algumas construções particulares, maioritariamente em ruínas, anexas à muralha fernandina, as quais por razões diversas, ainda não constituem propriedade municipal (Fig. 32).

Do projeto aprovado (Fig. 33) foi concretizada, a reformulação do traçado viário no troço correspondente entre as duas portas, a da Lagoa e a de Aviz.



Figs 29 e 30. Vista de enquadramento, 2024, e de pormenor, da antiga porta da Lagoa em 2004. Fonte: acervo das autoras.



Figs. 31 e 32. Vista geral da porta de Aviz e o aspeto geral do espaço livre ainda não ajardinado na referida área em 2022. Fonte: acervo das autoras.

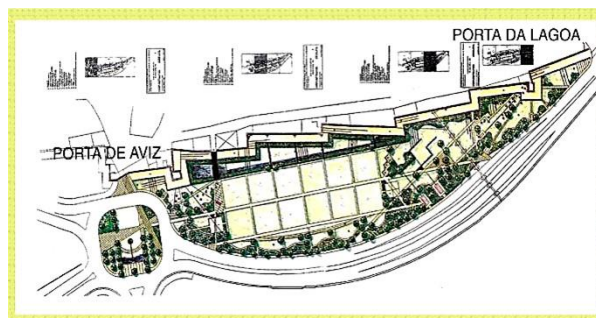


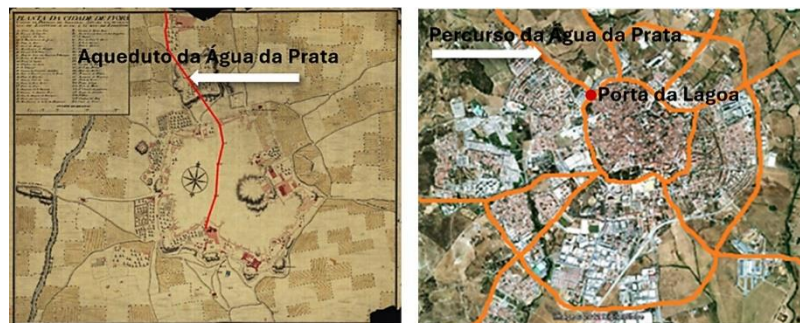
Fig. 33. Projeto de arranjo de espaços exteriores no troço entre as portas da Lagoa e de Aviz. Fonte: Câmara Municipal de Évora.

PERCURSO DA ÁGUA DA PRATA

A Câmara Municipal de Évora desenvolveu cinco itinerários ambientais, os percursos de Monfurado, Alto de S. Bento, Água da Prata, Ecopista Ramal Évora/Mora e Caminhos do Degebe, situados ao redor da cidade e estendendo-se até os limites do concelho. Juntos, formam uma rede de caminhos que pode ser percorrida a pé, de bicicleta ou por outros meios de transporte não poluentes, permitindo aos visitantes explorar e vivenciar os diversos patrimónios natural, cultural e paisagístico da região. Destaca-se entre eles o percurso da Água da Prata, cujo aqueduto foi durante séculos, a principal fonte de abastecimento de água da cidade.

Esta infraestrutura hidráulica, mandada erigir pelo rei D. João III no século XVI (1531-1537), tem sido objeto de diversas campanhas de restauro ao longo dos mais de cinco séculos de existência. O percurso pedonal, que acompanha parte do traçado original da estrutura hídrica, liga Évora à Graça do Divor (aproximadamente 18 km), (Regimento..., 1606). O caminho encontra-se bem conservado, sinalizado e é de fácil acesso, atravessando regiões de paisagem antropizada típicas do Alentejo.

O percurso pedonal, que aproveita parte do traçado do aqueduto, segue o caminho originalmente concebido para as obras de manutenção e conservação, estabelecido na época da sua construção. Partindo da saída da cidade em direção a Arraiolos, o trajeto é enriquecido por elementos de grande relevância artística e cultural.



Figs. 34 e 35. Planta da cidade de Évora entre 1750-1790 (?). Troço inicial do aqueduto da Água da Prata. Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal. Atuais eixos viários sobre levantamento google maps da cidade de Évora, séc. XXI. Fonte: acervo das autoras.

Ao longo do percurso, destacam-se diversos aspetos de interesse, assim como os elementos construtivos associados, a caixa de água do aqueduto na Cartuxa, a fonte André de Resende, o trecho de arcadas e o cruzeiro em S. Bento, o antigo Mosteiro de S. Bento de Cástris, o cruzeiro da Graça do Divor e a Igreja de Nossa Senhora da Graça do Divor (Monteiro, 1995). Esses pontos de interesse estão representados em diversas fotografias que ilustram o conjunto assim como o exemplo de um troço do percurso pedonal da Água da Prata.

Inicia-se o percurso a partir do centro histórico de Évora pela rua do Cano e porta da Lagoa em direção à estrada de Arraiolos (Figs. 36 e 37).



Figs 36 e 37. A arcaria do aqueduto da Água da Prata e a caixa de água do mesmo. Fonte: www.postaisportugal.canalblog.com.

Do lado direito da estrada surge o mosteiro da Cartuxa da ordem de S. Bruno, que inclui um troço significativo do percurso do aqueduto (Fig 38). Mais adiante e já fora do limite do mosteiro, situa-se uma construção designada por fonte de André de Resende (Fig. 39).



Figs. 38 e 39. Caixa de água do aqueduto situada na cerca do mosteiro da Cartuxa e fonte de André de Resende. Fonte: acervo das autoras.

Do lado oposto a este antigo mosteiro masculino localiza-se o antigo mosteiro feminino de S. Bento de Cástris, da ordem de Cister, (Figs 40 e 41).



Figs. 40 e 41. Troço de arcaria a S. Bento. Cruzeiro e antigo mosteiro de S. Bento de Cástris. Fonte: acervo das autoras, www.postaisportugal.canalblog.com.

De interesse neste percurso, na aldeia da Graça do Divor, assinala-se a igreja de Nossa Senhora da Graça do Divor e o cruzeiro. Muito perto desta, na herdade da Prata, localizam as mais distantes nascentes do aqueduto mandado erigir pelo rei D. João III, (Reguimento... 1606), (Figs. 42 e 43).



108

Figs 42 e 43 Cruzeiro da Graça do Divor e igreja de Nossa Senhora da Graça do Divor . Fonte: acervo das autoras.

Do percurso mostram-se alguns pontos de interesse desta infraestrutura e do seu enquadramento paisagístico (Figs 44 a 49).



Figs. 44, 45 e 46. Exemplo de troço do percurso da Água da Prata e igreja de Nossa Senhora da Graça do Divor. Fonte: acervo das autoras.



Figs 47, 48 e 49.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização da área envolvente à muralha medieval foi concretizada através da implementação de um projeto faseado de arranjo paisagístico. Este projeto baseou-se numa análise comparativa entre diferentes períodos históricos, com destaque para o século XVI e a atualidade. Envolveu consultas minuciosas de cartografia e iconografia provenientes de diversas fontes e autores, que representavam os espaços circundantes ao recinto amuralhado ao longo do tempo.

As intervenções paisagísticas focaram-se especialmente nas áreas situadas entre algumas das antigas portas da muralha, transformando esses espaços num percurso pedonal quase contínuo que acompanha o perímetro das fortificações. Este circuito, além de recuperar a ligação histórica entre a muralha e a cidade, oferece aos utilizadores uma experiência que combina a história, a arquitetura e a natureza.

Para além deste percurso pedonal circundante, foram concebidos outros trajetos que se estendem para fora dos limites da cidade, criando ligações com a paisagem rural envolvente. Entre os cinco percursos principais projetados, destacou-se o percurso da Água da Prata, que se distingue por integrar de forma harmoniosa elementos arquitetónicos, históricos e uma paisagem natural de grande relevância.

Este trajeto combina o traçado do antigo aqueduto com a paisagem envolvente, permitindo ao utente explorar uma narrativa que transcende no tempo, onde as estruturas como o aqueduto da Água da Prata coexistem com a vegetação e o relevo que definem a identidade da região. A escolha do percurso reflete não apenas o seu valor patrimonial, mas também o compromisso em valorizar o equilíbrio entre o legado construído e o ambiente natural.

Assim, o projeto de valorização da muralha medieval e dos seus arredores reafirma a importância de preservar e reinterpretar o património histórico-cultural, promovendo uma interligação abrangente e acessível entre a cidade e a sua história, enquanto facilita a interação com o território que a rodeia.

FONTES DOCUMENTAIS E BIBLIOGRÁFICAS

FONTES CARTOGRÁFICAS

El atlas Medici de Lorenzo Possi “Piante d’Estremadura e di Catalogna” (1687) [Biblioteca Florenciana].

Planta da cidade de Évora. [desenho tinta-da-china, aguarelado, sobre tela]. [entre 1750-1790 (?)]. [Biblioteca Nacional de Portugal].

Planta Le royaume de Portugal et partie D’Espagne tire d’Alphonso de a Costa et de Ferdyera Geographe poeruguais. Cliquet, Paris, 1704 [“Coleção Nabais Conde”].

Cristóvão (1853-1930) Trecho da planta da cidade de Évora indicando a muralha romana, Lisboa: Imprensa Nacional, 1902 [Arquivo Histórico Militar].

Nicolau de Langres Representação do recinto amuralhado em proposta in *Desenhos e plantas de todas as praças do Reyno de Portugal...* [Ca 1661], [Biblioteca Nacional de Portugal].

Vista da área oeste da cidade de Évora, representada em iluminura existente na contracapa do foral manuelino da cidade de Évora datado de 1501 [Arquivo Distrital de Évora].

FONTES NÃO IMPRESSAS

CONSELHO SUPERIOR DE OBRAS PÚBLICAS (1947), **Parecer 1774: Ante-projecto do plano de urbanização de Évora**. Lisboa: Biblioteca e Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas.

Regimento do aqueduto da Água da Prata (1606), documento manuscrito [Câmara Municipal de Évora].

Monteiro M. (1995) **O Aqueduto da Água da Prata em Évora. Bases para uma Proposta de Recuperação e Valorização** Tese de Mestrado, Documento Policopiado ed., Universidade de Évora, Évora.

Monteiro M (2011) **Sistema Monástico-Conventual e Desenvolvimento Urbano da Évora na Baixa Idade Média**, Tese de Doutoramento, Documento Policopiado ed., Universidade de Évora, Évora.

FONTES IMPRESSAS

Beirante, A. (1995). **Évora na Idade Média**, Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica de Lisboa.

Brito, V.; Camarinhas, C.. (2007). **Elementos para o estudo do plano de urbanização da cidade de Lisboa (1938)**, Cadernos do Arquivo Municipal, Direção Municipal de Cultura/ Departamento de Bibliotecas e Arquivos/ Arquivo Municipal de Lisboa, nº 9, 2007.

Carvalho, A. (2004). **Da Toponímia de Évora** (Vol. I), Colibri, Lisboa.

Carvalho, A. (2007). **Da Toponímia de Évora** (Vol. II), Colibri, Lisboa.

Costa P (1706-1712). **Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...**, Lisboa (Biblioteca Nacional de Portugal).

Lima, M. (2004). **Muralhas e Fortificações de Évora**, Argumentum, Editorial Presença, Lisboa.

Maciel, M. (2006) Vitruvio. **Tratado de Architectura**, 3ª. 2009 ed., IST Press.

Tereno, M. (2015). **Cartografia e iconografia antigas no processo evolutivo das torres militares, civis e religiosas na cidade de Évora – Portugal**. In Atas do VI Simpósio Luso Brasileiro de cartografia histórica, 4-7 novembro 2015. Braga, Portugal.